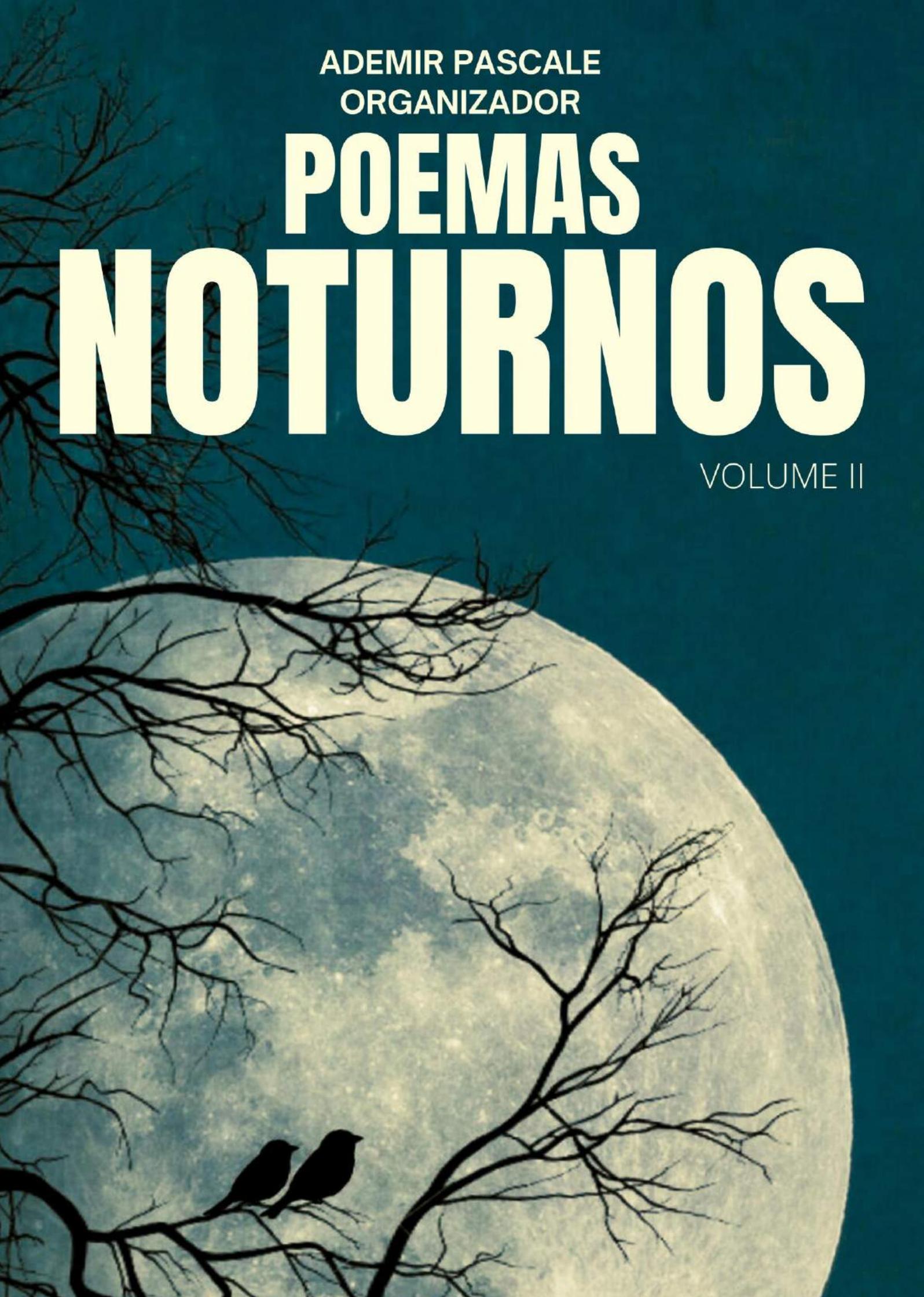


ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

# POEMAS NOTURNOS

VOLUME II



**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-00-57545-3**

**2022**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

- DUALIDADE HÍDRICA, POR ANA PAULA SEIXLACK, PÁG. 05  
A HORA DEVORA, POR CLAUDIO DONIZETE GRILLO, PÁG. 07  
LIBERTAÇÃO, POR DANIEL FERNANDES, PÁG. 09  
O PEREGRINO DERROTADO, POR HAZEL, PÁG. 14  
CHAME-ME, POR HAZEL, PÁG. 16  
O ELIXIR PROIBIDO, POR HAZEL, PÁG. 18  
SOBRE SOLIDÃO, POR JÔNATAS ROSA, PÁG. 20  
OLHOS VISTOS, POR LARA MACHADO, PÁG. 23  
DESEJO E DOR, POR MEIRE MARION, PÁG. 25  
A SINA, POR PRISCILA MEIRELES DE SOUSA, PÁG. 27  
NO MESMO LUGAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 29  
JULGUEI ANTECIPADAMENTE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 31  
LAÇOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 33  
COISA COISIFICADA, POR TIAGO SALPIN, PÁG. 35  
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 37

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
[WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)

**POEMAS NOTURNOS  
VOL. II**





# APRESENTAMOS O POEMA DUALIDADE HÍDRICA

POR ANA PAULA SEIXLACK



**SOBRE A AUTORA:** Ana Paula Seixlack é uma autora paranaense, formada em Letras português-inglês e possui oito livros publicados. Foi finalista da primeira edição do concurso literário da Benvirá (selo da Saraiva) com o romance Cowabunga! Desventuras de um ex-surfista, que foi publicado por eles em 2014. Seu último romance Follow the wind foi escrito em inglês em parceria com o autor suíço Oliver Fuhrer e publicado na Amazon em 2020.

Desde que a este mundo cheguei,  
Apenas no útero não me afoguei.  
A água fez minha existência mais vívida,  
Porém, não demorou a cobrar sua dívida.

Afogava-me na praia e até na piscina,  
Provocar os pulmões é algo que fascina.  
Desde a infância, um errante aquático.  
Um mistério deste mundo emblemático.

Jogando com pouca sorte e azar de sobra.  
Arriscando minha vida a cada manobra.  
Como o surfista e sua amada prancha.  
Apanha, mas o amor não se desmancha.

Virei capitão solitário dos sete mares.  
Explorador nato, destruidor de lares.  
A iminente morte era a única certeza,  
Mais óbvia que a força da correnteza.

Da água eu vim, para a água retornei,  
De todas as amantes, a que mais amei.  
A que me arrastou com tanta ferocidade,  
Ao derradeiro final, tão jovem de idade.

Lágrimas de sal, lágrimas de cloro,  
Ao mundo, pouco importa o que choro.  
Agora sou mais uma das almas mudas,  
Esquecida no Triângulo das Bermudas.





# APRESENTAMOS O POEMA A HORA DEVORA

POR CLAUDIO DONIZETE GRILLO



**SOBRE O AUTOR:** Nascido de bons pais; em uma família humilde de poucas posses, no dia vinte e seis de junho de mil novecentos e sessenta e três (26/06/1963). Morávamos em Arcadas (antigamente conhecida como Coqueiros), que era distrito da cidade de Amparo, no estado de São Paulo, Brasil. Desde cedo aprendeu a gostar de leitura e produção de textos, conheceu a lavoura de café, estudou até o segundo grau, trabalhou em várias empresas, conheceu o amor pela vida ainda jovem.

"A hora devora"

Faminta fera, que não espera.

Leva embora o bem mais precioso,  
concedido ao homem: O tempo.

Mais desejável que ouro;  
Imensurável.

Cada segundo perdido;  
é um segundo, perdido...  
que não se retorna.

Cada segundo investido  
com conhecimento, planejamento  
e ação, é um segundo:

Valorizado; que enche

A alma com alegria

O vazio que buscamos fugir.

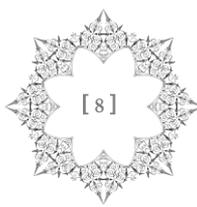
O vazio existencial.

Que diremos no final?

Eu perdi todo esse tempo? Ou

Fiz o maximo que pude,

Pena que nao tive mais tempo?





# APRESENTAMOS O POEMA LIBERTAÇÃO

POR DANIEL FERNANDES



**SOBRE O AUTOR:** Nascido em São Paulo- Capital em 28/05/1972, cresceu no Bairro do Jardim Planalto na Zona Leste da Capital Paulista na Rua Pico do Marumbi, e aos 23 anos tornou-se radialista e passou por diversas rádios tendo diversos programas além de ser produtor, locutor, apresentador dos programas; Salada Mista, Love Night, Cheiro da Terra, sendo o último, apresentado em diversas rádios de São Paulo (Radio Everest, Radio Amiga, Radio Formosa e Radio ANCB), no ano de 2000. Também aprecia escrever Gazal e Roteiros. É coautor das peças teatrais Parabéns São Paulo & Vida de Bueiro, Autor dos Livros de poesias: Poesias Eróticas e Sedutoras e Meus Pensamentos.

I

Mais um fim de tarde vem chegando,  
Mais um drama em minha vida,  
Longe da pessoa que estou amando,  
Minha vida repleta de feridas.

Olha pela janela,  
E a doce ilusão,  
De ver minha amada abrir o portão,  
A moça do quadro em Aquarela.

Para que tentar enganar meu coração,  
Sei que aos poucos estou morrendo,  
O que me resta é a solidão,  
E a tristeza me corroendo.

A lua vem surgindo,  
Minhas lágrimas ressurgindo...

II

Arre, tudo é tristeza,  
Carrego comigo a dor,  
E também a incerteza,  
De merecer seu amor.

A lua hoje está cheia,  
As ruas ficaram claras,  
Meu sangue não circula mais nas veias,  
Sorrisos são coisas raras.

Ah meu doce encanto  
A noite sem teus carinhos,  
É uma noite de pranto.

E Com certeza,  
Ficar deitado nesta cama sozinho,  
Me deixa cheio de incertezas.

III

Já passam das dezenove horas,  
Mais uma garrafa de vinho eu vou abrindo,  
Às vezes tenho vontade de ir embora,  
Mais sei que meus sentimentos, eu estarei traindo.

Cada segundo torna-se uma eternidade,  
Cada vez que vejo o relógio,  
Os segundo passam com serenidade,  
E eu me sinto cometendo adultério.

Não seria um sacrilégio,  
Se eu fosse como meu amigo Benedicttus Konstantinus,  
Que ama a Deus como privilégio,  
Tanto quanto amo, eu e você com nossos corpos nus.

Você é a Benção,  
Que Deus colocou em meu coração.

IV

Já são vinte horas,  
Eu Olho pela janela,  
Tenho vontade de sair lá fora,

Colocar-me em oração na capela.

Ah meu Deus que aflição,  
Acalme minha alma,  
Meu coração,  
Não me faça perder a calma.

Ela é meu alento,  
Minha força divina,  
A mulher que me salvou do relento...

O Anjo enviado por Deus  
A mulher que mudou minha sina.  
A minha benção dos céus.

V

Enquanto bebo mais um gole de vinho tinto,  
Ouço barulho no portão,  
Salto feito felino por instinto,  
Era apenas o vento, doce ilusão.

Perco-me nas horas e no pensamento,  
Cochilo sentado à mesa,  
Sonho com nosso casamento,  
E sob o véu, toda sua beleza.

Ah meu amor,  
Ser teu escolhido,  
É demais para um sonhador,  
Poder ser chamado de seu marido.

A madrugada vai avançando,  
E mais estou te amando.

VI

É minha amada,  
Já são três da madrugada,  
Daqui pouco, o sol vai surgir,  
E eu não tenho nem como reagir.

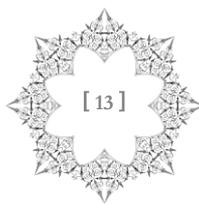
Será mais uma madrugada longe,  
Você dividindo a cama,  
Com um marido que parece um monge,  
Enquanto nosso ninho está em chamas.

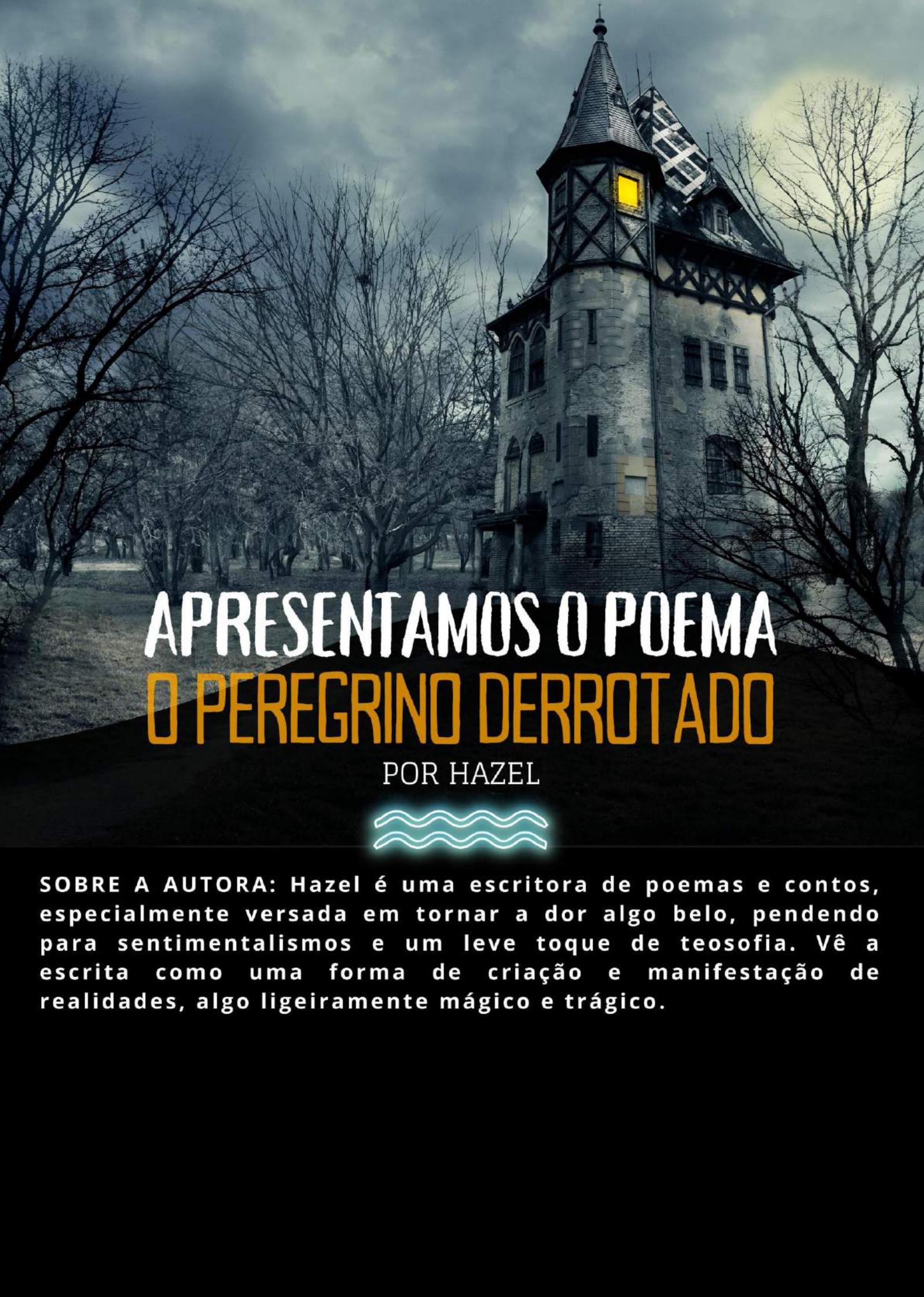
Eu sempre vou te amar,  
Independente da circunstancias,  
Independente das distancias.

Irei onde você me chamar,  
Pois você minha pequena,  
É a atriz principal na cena.

VII

Na arte de me conquistar.





# APRESENTAMOS O POEMA O PEREGRINO DERROTADO

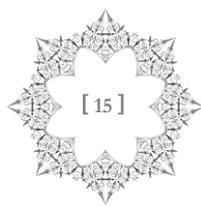
POR HAZEL

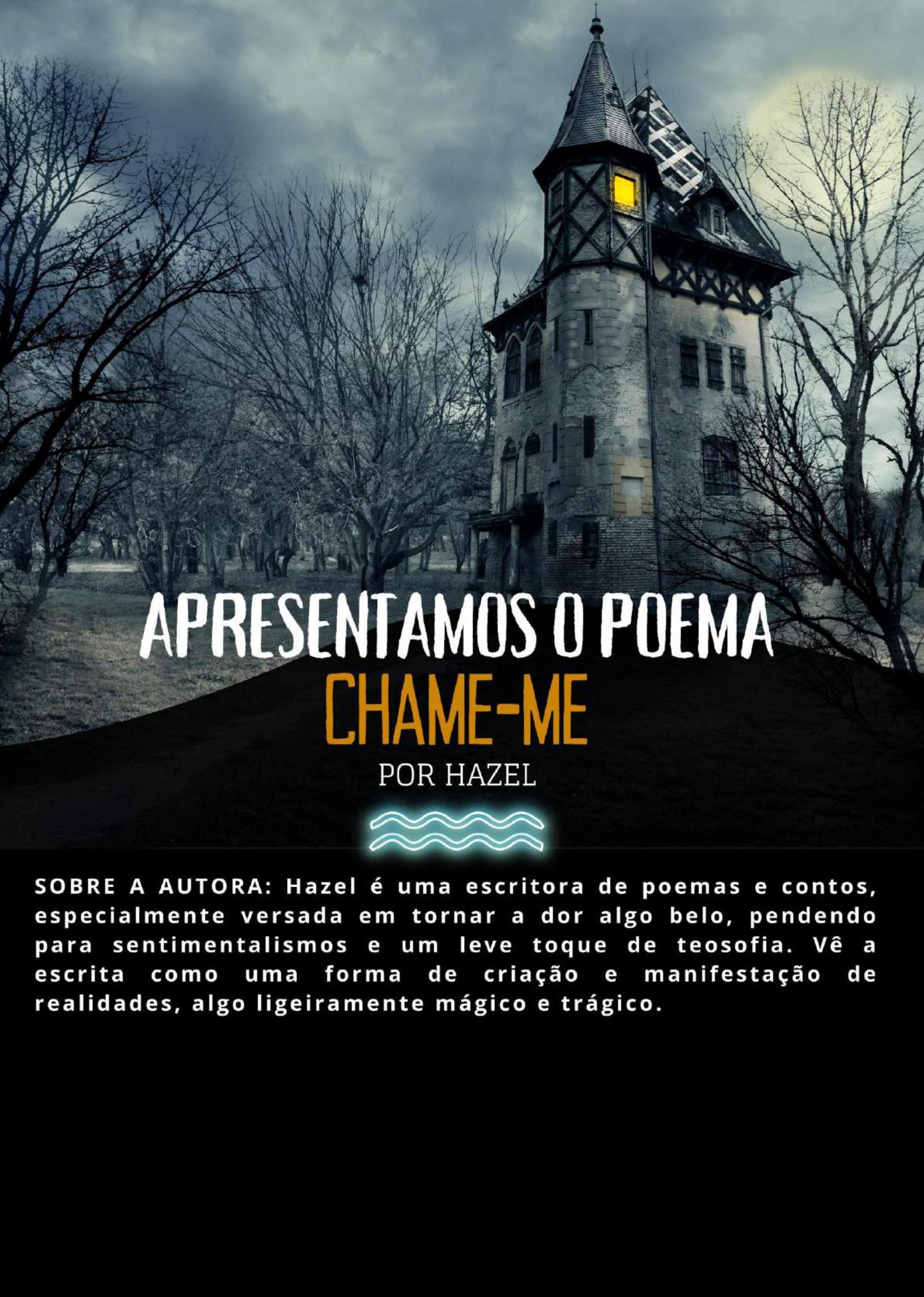


**SOBRE A AUTORA:** Hazel é uma escritora de poemas e contos, especialmente versada em tornar a dor algo belo, pendendo para sentimentalismos e um leve toque de teosofia. Vê a escrita como uma forma de criação e manifestação de realidades, algo ligeiramente mágico e trágico.

Com um velho livro em seus braços,  
E um cajado no enlaço  
Vagava um pitoresco,  
peregrino solitário,  
Com seus botões resmungava, implacável;  
Como sóis miserável! Um peregrino deplorável,  
Que nem um feitiço sequer,  
Tem em sua ficha pouco honrável.  
E quantos dias não sonhei acordado  
Quantos dias não rezei, em linha e ao contrário  
Quantos dias não louvei a deus e ao diabo;  
Quantos dias não fiz elixires, com folhas de carvalhos,  
Entoava orações, as faces corcovadas repletas de gotas de orvalho.

Imaginaí caro leitor, a dor se soubesse, o pequeno peregrino  
Que não errara em seus métodos, mas sim em seu destino.  
Pois no universo que estava, não existia nem magia, nem fada.  
Apenas as almas vagantes, de suas esperanças estilhaçadas.





# APRESENTAMOS O POEMA CHAME-ME

POR HAZEL



**SOBRE A AUTORA:** Hazel é uma escritora de poemas e contos, especialmente versada em tornar a dor algo belo, pendendo para sentimentalismos e um leve toque de teosofia. Vê a escrita como uma forma de criação e manifestação de realidades, algo ligeiramente mágico e trágico.

Me chame para uma taverna;  
Podemos juntos praguejar,  
Bebendo uma cerveja ruim,  
Envolta na bruma do luar.

Me chame para sentir prazer;  
Para ser terrivelmente carnal,  
Me chame para cometer um grande pecado;  
Me chame para ser uma leviana mortal.

No fim, sabeis que nada mudará para mim.  
Eu só desejo um último adeus, até que os céus entoem minha ode.  
Só desejo um último suspiro de material prazer;  
Sabeis que tenho pouco tempo,  
E estou ansiosa, pois sei o quão belo é o fenecer.

E por fim.  
Olhe em meus olhos;  
Levar-te-ei para terras insondáveis;  
Juntos sobrevoaremos, nus de carne  
Montanhas e mares.  
Se tiveres medo de altura;  
Não mo-diga, também eu finjo bravura.





# APRESENTAMOS O POEMA O ELIXIR PROIBIDO

POR HAZEL



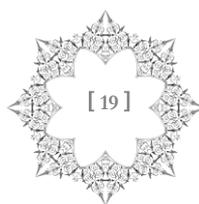
**SOBRE A AUTORA:** Hazel é uma escritora de poemas e contos, especialmente versada em tornar a dor algo belo, pendendo para sentimentalismos e um leve toque de teosofia. Vê a escrita como uma forma de criação e manifestação de realidades, algo ligeiramente mágico e trágico.

Invejemos àqueles irmãos profanos;  
Vis almas que provaram do elixir proibido;  
Os anjos que transcendem o bem e mal,  
Os serafins cujos lábios entoaram odes fúnebres em doce voz.

E nós, com os lábios remoendo o fruto,  
Inda sentimos a nódoa da culpa,  
Condenados ao inferno; Por máculas internas incuráveis  
Por desejos insaciáveis  
Por prazeres frustrados.

Só vagamos,  
No vácuo insondável.  
Em abismos ancestrais,  
Com medos irrealis,  
Com dores imortais.

Os olhares humanos nos renegam,  
E os divinos nos fulminam,  
Devoramos o próprio coração  
Nos findamos em lágrimas de terna aflição.  
Não teremos perdão;  
Não almejamos absolvição.  
Nosso sangue entoa uma oração,  
Nossa sina é fatal destruição.





# APRESENTAMOS O POEMA SOBRE SOLIDÃO

POR JÔNATAS ROSA



**SOBRE O AUTOR:** Jônatas Rosa tem 37 anos e é jornalista, com atuação em veículos como Jovem Pan Sorocaba e Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba e Região (SMetal). Escreve desde pequeno, influenciado pela mãe, uma leitura assídua de todo tipo de literatura.

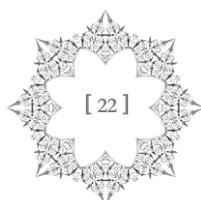
No adiantado das horas,  
Entre outro cigarro  
Percebo, quase atoa:  
O sol já se faz alto  
Veio, de novo, imponente  
Iluminou até lá longe  
Onde os olhos deixam de ver  
Sem consideração  
Ignorou os apelos insistentes  
Daqueles que vivem da noite

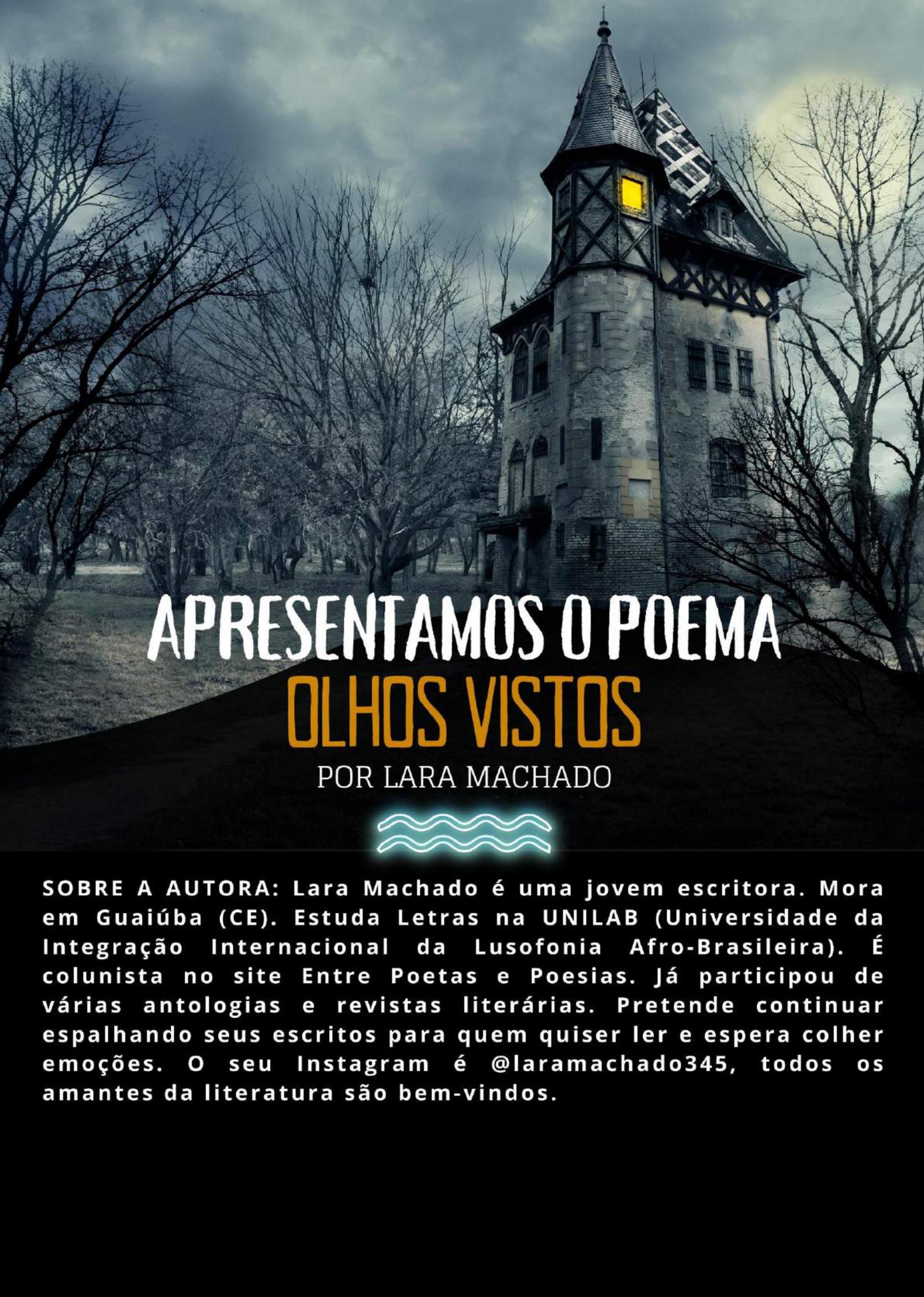
No adiantado das horas,  
Tragando as migalhas  
Me dei conta, quase sem intento:  
Prefiro solidão sozinho  
Nem vale sofrer com você  
Que parecia estar  
E, no fim  
Engolia o carinho  
Me deixava às traças  
E me umedecia em lágrimas

No adiantado das horas  
Enquanto trago saudade  
Me viro  
Me dano  
Desmorono  
Escolho se choro  
Ou se danço  
Escuto o silêncio  
Bebo melancolia  
Afogo as mágoas

No adiantado das horas,  
Perdido em fumaça  
Acostumo com o nada  
Visito cômodos arrumados  
Brinco com sonhos  
Revivo momentos  
Histórias ligeiras  
Gestos profundos  
Me contento com pouco  
E volto aos velhos hábitos

No adiantado das horas,  
Quando restam as cinzas  
Não minto mais  
Daí, contam os medos  
Aquilo que se perdeu  
Os pedaços pelo caminho  
As sobras de sentimentos  
Um pouco do nada  
E ainda resta um resto do vazio  
Uma sensação por preencher  
E o mundo lá fora  
Que espio pela fresta  
Não parece não saber  
Vai acabar?  
Ou já terminou?





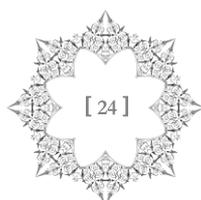
# APRESENTAMOS O POEMA OLHOS VISTOS

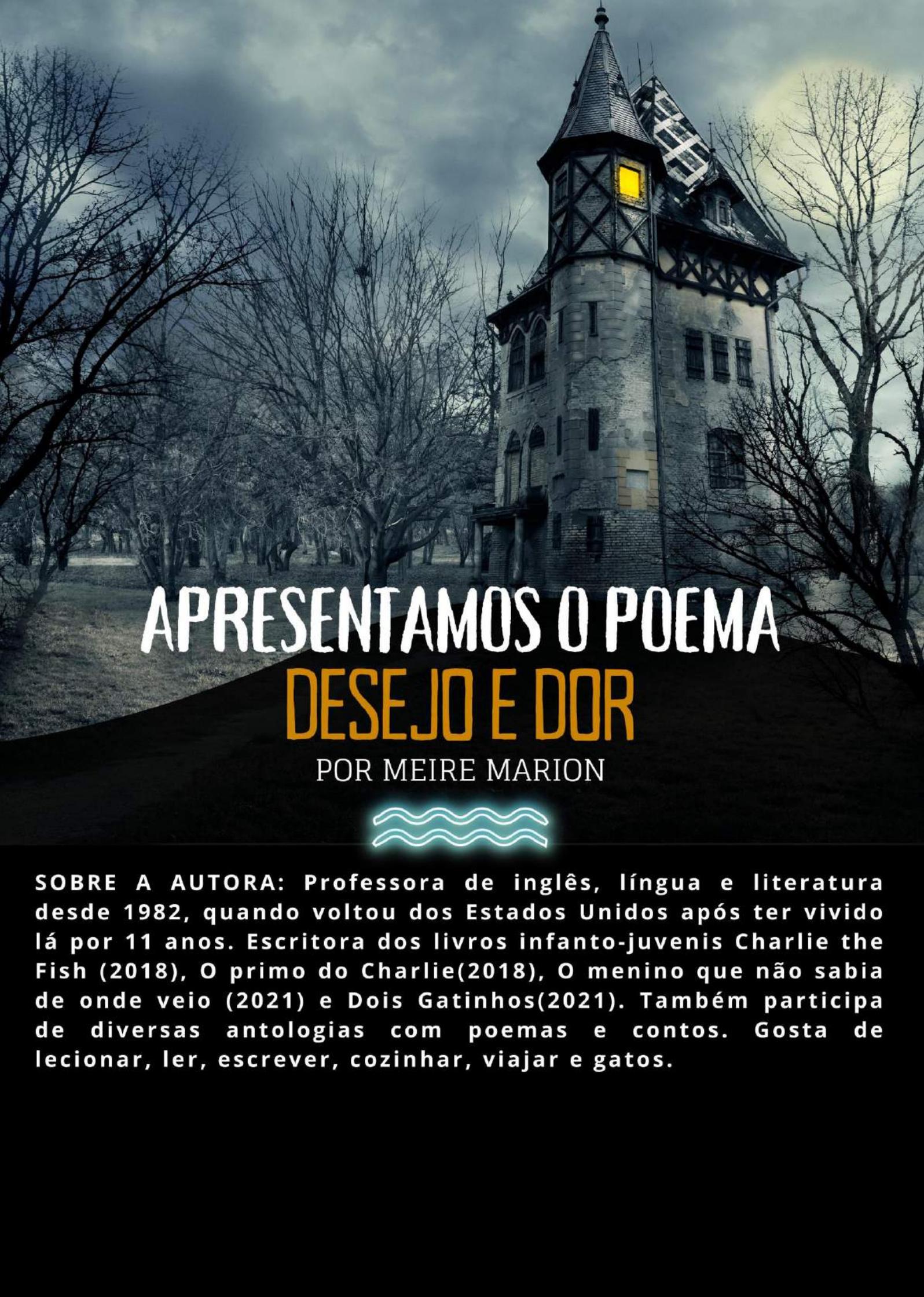
POR LARA MACHADO



**SOBRE A AUTORA:** Lara Machado é uma jovem escritora. Mora em Guaiúba (CE). Estuda Letras na UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira). É colunista no site Entre Poetas e Poesias. Já participou de várias antologias e revistas literárias. Pretende continuar espalhando seus escritos para quem quiser ler e espera colher emoções. O seu Instagram é @laramachado345, todos os amantes da literatura são bem-vindos.

Os olhos são para ver.  
Os olhos são para serem vistos.  
Cada cor traz uma mensagem.  
Os olhos azuis carregam o céu.  
O azul nos faz focar na eternidade.  
Os olhos verdes carregam florestas.  
O verde nos traz esperança.  
O verde transmite ambientalismo.  
Os olhos castanhos carregam a terra.  
O marrom nos lembra de plantar.  
Plantar o presente para colher o futuro.  
Fincar os pés no chão para brotar.  
A Terra é o nosso presente.  
A maiorias dos olhos são castanhos.  
As pessoas estão na terra sem estar.  
Os olhos castanhos lembram do presente.  
Precisamos nos preparar para o céu.  
Precisamos mais ainda viver a terra.  
Aqui é mais que uma passagem.  
Aqui é uma vida.  
Precisamos andar antes de voar...





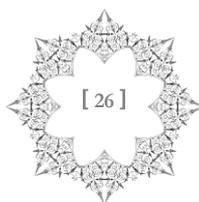
# APRESENTAMOS O POEMA DESEJO E DOR

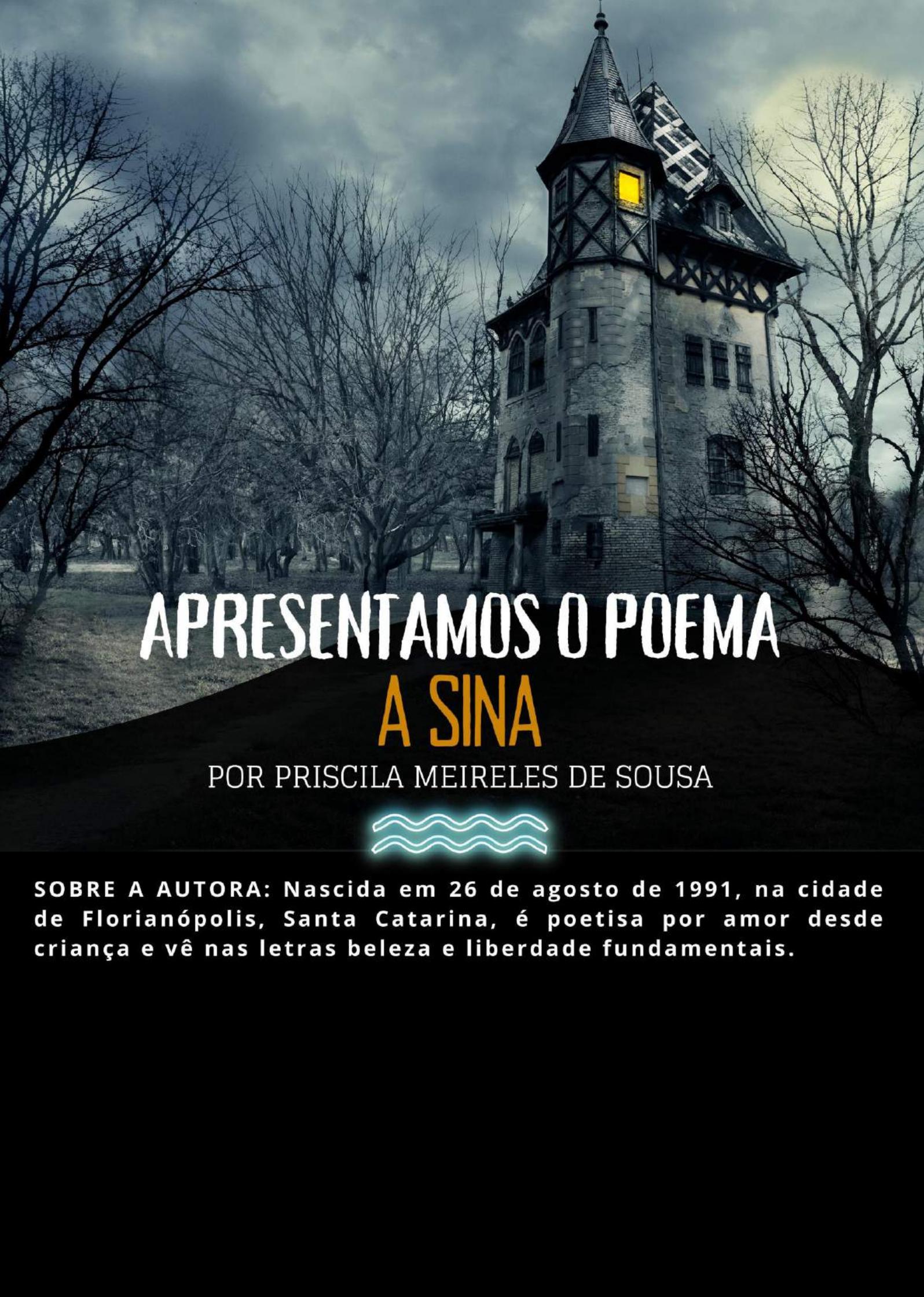
POR MEIRE MARION



**SOBRE A AUTORA:** Professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie*(2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021) e *Dois Gatinhos*(2021). Também participa de diversas antologias com poemas e contos. Gosta de lecionar, ler, escrever, cozinhar, viajar e gatos.

Seu beijo, perfume suave vermelho  
Toca meu beijo sedento por zelo.  
Seus lábios, macios como pétalas de rosa,  
Rosa que exala querer, porém com  
Espinhos que ferem meu coração.  
Seu beijo, a razão do meu viver  
Macio, ardente e perigoso.  
Espinhos que ferem minha alma,  
Sabendo que seus lábios  
Não são somente meus.





# APRESENTAMOS O POEMA A SINA

POR PRISCILA MEIRELES DE SOUSA



**SOBRE A AUTORA:** Nascida em 26 de agosto de 1991, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, é poetisa por amor desde criança e vê nas letras beleza e liberdade fundamentais.

Ouviam-se, pelas ruas, rumores de além morte  
Negavam-se a contá-los os seus destinatários  
Arrepiavam-se mesmo aqueles de alma forte  
Protegiam-se as crianças nos velhos armários

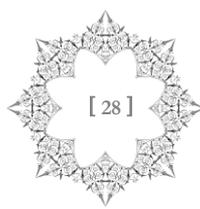
Era um conto que se contava às escuras  
Esperava-se deitar o sol para fazer à lua  
As mais invejáveis declamações impuras  
Pois que poema de terror também nos perpetua

Ninguém retirava desta estranha história, contudo  
A verdade que lhe conferia grandes chammas  
Não se aceitava acolhê-la como importante instituto  
Das causas que existem por serem tão humanas

Dizia o avô viverem certas almas desencarnadas  
Como se vivas fossem aos inocentes olhos nossos  
Sequer se suspeitava de suas falas bem versadas  
Embora exalasses o cheiro que nos sai dos ossos

Contava o vizinho, em boca pequena, ter sabido de caso tal  
Ao que se respondia um Que Isso não Chegue a Mim  
Fechavam-se as portas e se apagavam as luzes do quintal  
Em costume noturno de sábados em confidências sem fim

Mas, com grande teimosia, a verdade não lhes chegava viva  
Como assim deveria fazê-lo, pois concebida em nascimento  
E passava ileso o vizinho, que solitário cumpria a sua sina  
Eis que já havia partido da terra dos homens há muito tempo





# APRESENTAMOS O POEMA NO MESMO LUGAR

POR SELLMA LUANNY



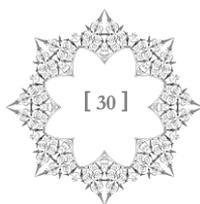
**SOBRE A AUTORA:** Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) - todos em papel. Tem participado de quinze antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Na mesma cadeira  
na mesma hora  
no mesmo lugar,  
uma imposta rotina.

No teatro de estações...  
de uma cansativa história  
um tolo desenrolar  
diariamente se repetindo...

Cíclico. A tirar o gosto  
pelo novo... mas não  
a vontade de quebrar  
o gelo que recobre...

O turbilhão... que pelo  
momento de se distanciar  
alto e longe do marasmo  
deste tempo... mal espera.





# APRESENTAMOS O POEMA JULGUEI ANTECIPADAMENTE

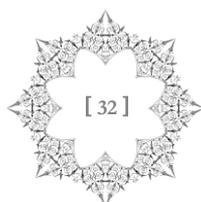
POR SELLMA LUANNY



**SOBRE A AUTORA:** Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) - todos em papel. Tem participado de quinze antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Em dourada era, julguei ter nascido  
— a ciência tão avançada...  
as estrelas quase às mãos...  
para o melhor tudo a caminhar!  
Como se eu mesma o meu ponto  
no Universo, pudesse ter escolhido.  
Pareceu-me tudo muito certo...  
muito exato... do "natural"...  
até a resplandecência.  
E com indescritíveis prazeres  
de invulgares cores odores  
e sabores acrescidos,  
no degustar dos sentidos  
deturpadas as sensações.  
O artificial a me confundir, afinal.

Mas agora se sabe,  
mudou-me a epigenética...  
E para quê? Sem respostas...  
no que ressonância natural não traz.  
Mas o futuro — se por acaso  
humano — se na pele ossos  
e forma deste vulnerável ser,  
clara melhoria não trazer...  
imprevisível será.  
A alegoria da quimera...  
da persistente ilusão...  
que não redime e a sanidade  
e as origens abandona,  
um dia dissipar-se-á.





# APRESENTAMOS O POEMA

## LAÇOS

POR SELMA LUANNY



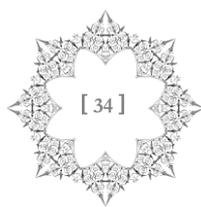
**SOBRE A AUTORA:** Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) - todos em papel. Tem participado de quinze antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

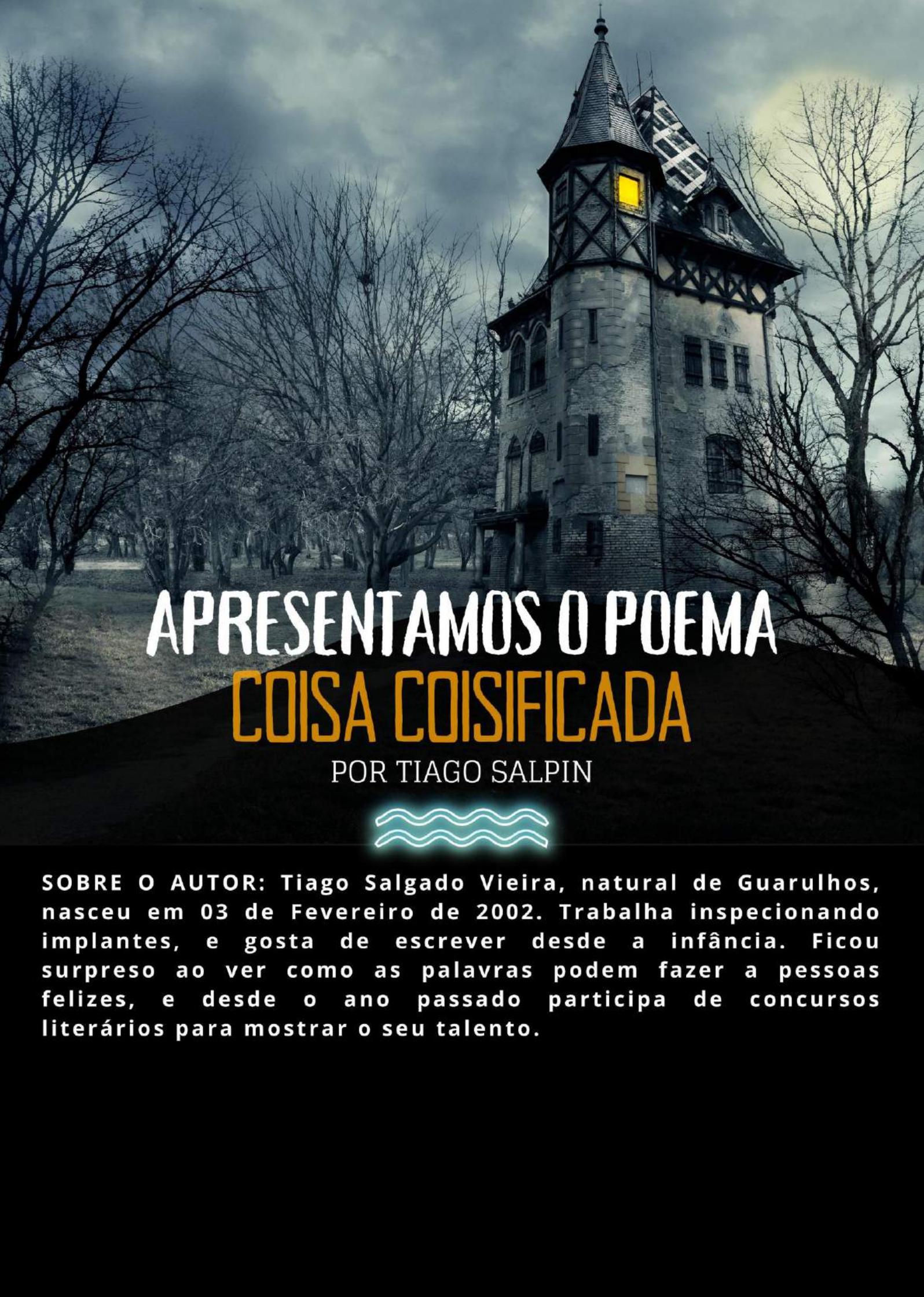
Naquele tempo  
lugares nos permitiram...  
Agora não mais...  
são estéreis de nós.  
E o tempo ido é vazio...  
Só lembranças.

Referências únicas...  
marco na fluidez  
dos dias e anos...  
no mar que não aproxima  
leva e não traz...  
Só distancia.

E lá se vão os laços...  
se desfazendo  
pelo vento diluídos  
no frio opaco  
desconhecido,  
espaço... Só saudades.

Refazer-se-ão um dia?  
Que futuro felicitarão  
o vento e o tempo?  
Sombrios e ainda  
intransponíveis  
o céu e o mar.





# APRESENTAMOS O POEMA COISA COISIFICADA

POR TIAGO SALPIN



**SOBRE O AUTOR:** Tiago Salgado Vieira, natural de Guarulhos, nasceu em 03 de Fevereiro de 2002. Trabalha inspecionando implantes, e gosta de escrever desde a infância. Ficou surpreso ao ver como as palavras podem fazer a pessoas felizes, e desde o ano passado participa de concursos literários para mostrar o seu talento.

— Você viu a coisa?

— Ué? Que coisa?

— Aquela coisa,  
Meio coisada.

— Ah, lembrei!  
Aquela coisa  
Que também fazia aquele coiso...

— Isso mesmo! Essa coisa  
Que ligava aquilo lá...

— Isso! Lembrei! Aquela coisa,  
Que também servia para...

— Exato! Esse coisa  
Que era conectada na outra coisa  
E que coisificava tudo.

— É isso! Agora sim, eu lembrei dessa coisa!

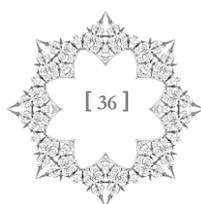
— Lembrou?

— Sim, lembrei!

— Que bom!  
Então, onde está essa coisa?

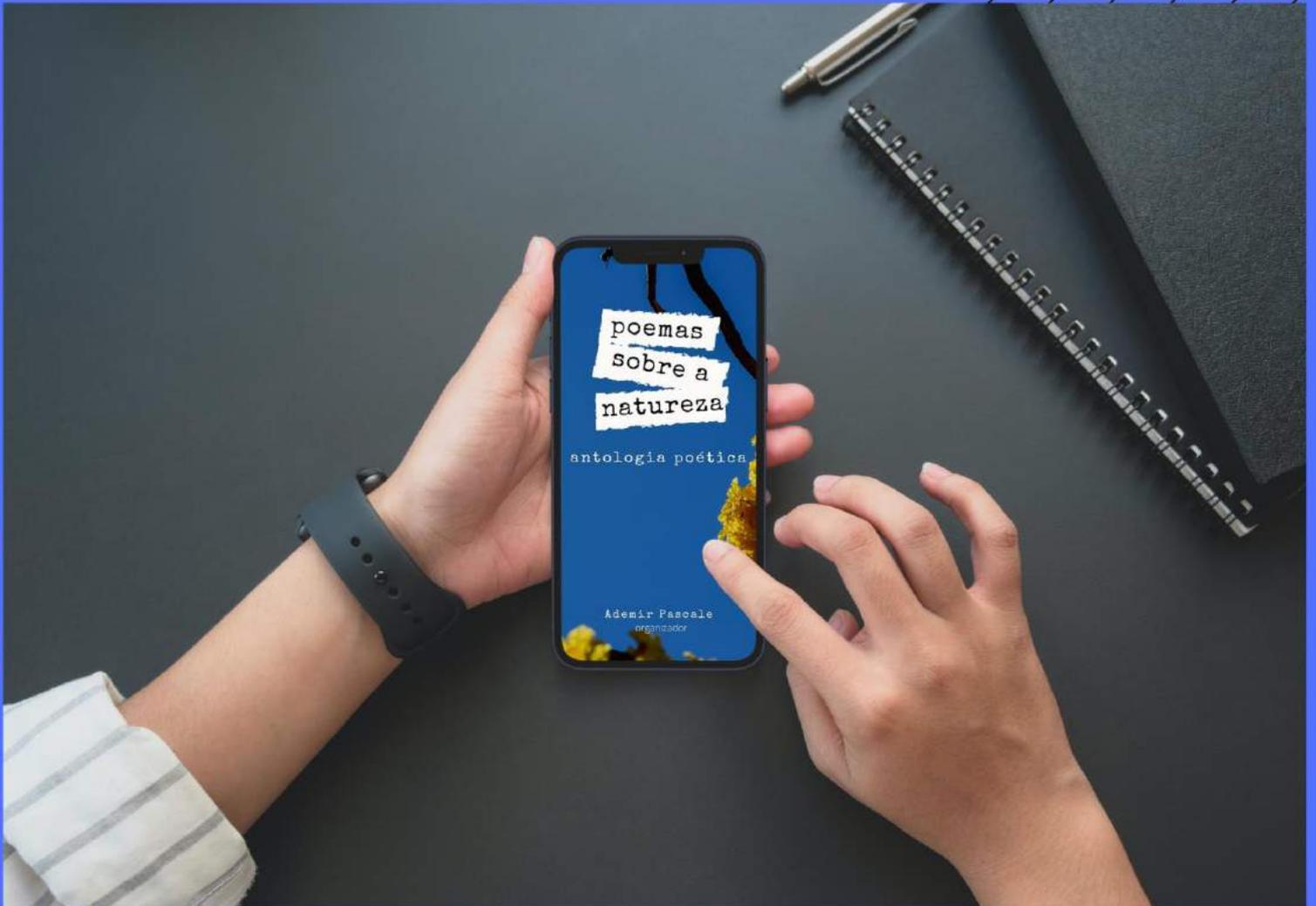
— A coisa fugiu.

— Mas que coisa!



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

**VISITE:** [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**CURTA:** [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

**SIGA:** [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

**INSCREVA-SE:** [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)

**E-MAIL:** [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**